

Bienal oferece
experiência imersiva
em labirintos

PÁGINA 3



Elisa Tolomelli e
suas memórias
profissionais

PÁGINAS 4 E 5



'Stars at Noon'
ganha ares de cult
no Prime Video

PÁGINA 7



2º CADERNO

Fotos/Maurício Valadares



Renato Russo no estúdio da EMI-Odeon durante a gravação do primeiro álbum da Legião Urbana: o vocalista contornou uma crise que quase inviabiliza a realização do disco

Legião Urbana, Marcelo Nova (ao centro de óculos) e Jose Emilio Rondeau (de cabelos compridos) numa visita do líder do Camisa de Vênus à gravadora

O disco que quase não nasceu

Produtor da estreia fonográfica da Legião Urbana, José Emílio Rondeau revela em livro os bastidores tensos da gravação de um clássico do rock brasileiro

Por Affonso Nunes

QUASE QUATRO DÉCADAS DEPOIS DE PRODUZIDO, o disco de estreia da Legião Urbana continua cercado por mitos — muitos deles verdadeiros. Um dos episódios mais simbólicos ganha agora versão detalhada no livro que o jornalista e produtor José Emilio Rondeau acaba de lançar, revelando bastidores conturbados, decisões

arriscadas e a tensão que quase encerrou o projeto. Em “Será!”, Rondeau revisita a madrugada em que abandonou a gravação, depois de um conflito com a banda, e expõe a delicada alquimia por trás da criação de um marco do rock brasileiro.

Em meados de 1984, Rondeau assumiu a produção do primeiro disco da Legião Urbana nos estúdios da EMI-Odeon, em Botafogo. A banda estava em sua primeira grande experiência profissional depois de relações explosivas com outros dois produtores. O convívio, no entanto, foi tenso. À pro-

cura de identidade sonora, os músicos enfrentavam suas próprias limitações técnicas e entravam em choque com a proposta estética do produtor, mais próximo da linguagem da new wave do que do espírito punk que movia o grupo egresso da pulsante cena brasileira onde despontava ao lado de bandas como a Plebe Rude e o Capital Inicial.

A gravação paralisou após uma discussão entre Bonfá e Rondeau, que deixou o estúdio prometendo não retornar. “Eu só toco bem quando eu quero”, disse o baterista num rompante que quase põe

todo o trabalho a perder, não fosse a diplomacia de Renato Russo.

Lançado discretamente em janeiro de 1985, o álbum “Legião Urbana” revelou-se um divisor de águas do rock produzido no Brasil. Canções como “Será” e “Ainda é Cedo” consolidaram o grupo como voz de uma geração inquieta, “os filhos da Revolução”, como cantavam em “Geração Coca-Cola”. As vendas ultrapassaram 500 mil cópias e colocaram a banda no centro da transformação do rock brasileiro dos anos 1980.

Confira a entrevista de Rondeau na página seguinte.

ENTREVISTA / JOSÉ EMÍLIO RONDEAU, JORNALISTA E PRODUTOR

'O processo de gravação de um disco tem concordâncias e divergências, êxtase e ranger de dentes'

De que forma surgiu o convite para produzir o primeiro disco da Legião Urbana? Você tinha experiência prévia em produção fonográfica?

José Emílio Rondeau: Minha única experiência produzindo disco até então foi adquirida no ano anterior, em 1983, quando trabalhei com o Camisa de Vênus em seu álbum de estreia. Mesmo sendo super novato, bati na porta de Jorge Davidson, diretor artístico da EMI-Odeon, e me ofereci para produzir o disco da Legião, porque soube que tinham sido contratados pela gravadora. E ele topou. O que não deixou de me surpreender, mas era a resposta que eu queria receber.

E o que você conhecia da banda antes de começar a trabalhar com eles?

Apesar da Legião já ter uma carreira de shows e fitas demo, de ser tocada na Rádio Fluminense, apesar de já ter lido sobre ela na matéria que Hermano Vianna tinha feito para a revista Pipoca Moderna, que ajudei a fundar e a editar, nunca tinha ouvido o som dela até receber a fita demo que chegou a minhas mãos através de Tom Leão. E só vi como era a cara deles na hora em que nos conhecemos pela primeira vez no estúdio.

Havia um alinhamento claro entre o som que a banda queria e o que a gravadora esperava?

Eles tinham suas convicções e, obviamente, a gravadora tinha as dela. O desafio foi achar os pontos de convergência e fazer um disco representativo do grupo, da sua música e da sua verdade. O que veio através de muito trabalho, muita conversa, e muita tentativa e erro.



Divulgação

Você e a gravadora tentaram dar ao disco um som mais limpo e enfrentaram um certo purismo da banda. Como foi lidar com essa tensão estética?

A Legião entrou no estúdio de um jeito e saiu dele, com o disco pronto, de outro. Aquela banda punk rock de raiz evoluiu imensamente durante os meses de gravação, deixando aflorar todas suas qualidades. E mostrou-se capaz de romantismo, lirismo, moldando uma sonoridade pop poderosíssima, e fez um disco variado, multifacetado, apresentando ao público tudo aquilo do que

era capaz e exibindo qualidades que só vieram à tona por completo na medida em que foram se sentindo mais à vontade no estúdio.

A partir de que momento específico você sentiu resistência da parte deles em aceitar direção externa?

O processo de gravação de um disco tem concordâncias e divergências, êxtase e ranger de dentes. As convicções deles eram pétreas, e muitas vezes se assustaram com o que a gravadora idealizava para eles – uma sonoridade próxima daquela de outro artista de seu elen-

co, Bob Seger, que fazia, naquele momento da carreira dele, um country-rock. O impasse foi rompido pela mera concordância de se usar violões em algumas das faixas, que acabaram crescendo muito graças à adição do instrumento, como “Será”, “Baader-Meinhof Blues” e “Geração Coca-Cola”. E, se você for ver, o violão esteve bem presente nos discos que a Legião gravaria depois.

A crise durante a madrugada chuvosa é parte do folclore da Legião. Um reação intempestiva de Marcelo Bonfá criou um impasse no estúdio e você chegou a abandonar a produção. O que te fez voltar atrás?

Lembro apenas um pouco do que aconteceu no estacionamento quando Renato e mais alguém (não sei se Bonfá ou se Dado) foram para me fazer mudar de ideia. O relato mais completo do que se deu está no livro graças à lembrança que Fernanda Villa-Lobos – à época empresária da banda – ainda retém do episódio. Voltei no dia seguinte, com todos de cabeça fria, depois do compromisso de Renato de que dali para frente tudo seria diferente. E foi.

Há registros de músicas ou arranjos descartados na época? Algo que ficou pelo caminho?

Sim. O primeiro resultado palpável da gravação foi um tema instrumental eletrônico, tecnopop e dançante, composto e gravado por Renato sozinho. Considerei um sucesso potencial e cogitei lançá-la como o primeiro compacto da Legião. A banda ficou horrorizada com a ideia, engavetou a música e ela nunca foi concluída. Uma decisão acertadíssima, porque teria sido um erro apresentar a Legião ao mundo daquele jeito. No entanto, ela ressurgiu futuramente, abrindo o segundo disco da Legião, rearranjada com baixo, guitarra e bateria, agora com o nome de “Daniel Na Cova Dos Leões”.

O disco saiu sem grande campanha. Em que momento você percebeu que poderia virar um marco na música brasileira?

O disco demorou a pegar. A coisa só engrenou mesmo depois que as rádios começaram a tocar “Será”. Logo em seguida, chegou a vez de “Ainda É Cedo”. Ali eu percebi que o disco estava sendo bem aceito. Mas a verdadeira dimensão dele só ficou clara bem mais adiante, quando a Legião tornou-se aquilo que conhecemos hoje em dia. Veja a entrevista completa em <https://encr.pw/n1168>

Perca-se (ou não) nos labirintos literários



Instalações imersivas em 3D de quatro editoras fazem sucesso na Bienal



André Bittencourt/SNEL

Os labirintos levam o público para dentro das obras

Por **Afonso Nunes**

Nesta que promete ser a mais imersiva de suas edições, a Bienal do Livro transporta os visitantes para mundos fantásticos por meio dos Labirintos de Histórias Paper Excellence, atração dedicada ao universo da Romantasia, o subgênero que mistura fantasia e romance e mobiliza milhares de leitores em todo o mundo. Instalados no pavilhão que abriga a feira no Riocentro, as

quatro instalações sensoriais oferecem experiências em grandes sucessos editoriais, com ambientações temáticas que permitem circular

entre narrativas e personagens de obras consagradas.

No primeiro deles, a Editora Record apresenta a série “Corte de Es-

pinhos e Rosas”, de Sarah J. Maas. O espaço convida o público a explorar os reinos rivais da Corte Primavera e da Corte Noturna, cenário central da saga que mescla romance, ação e fantasia em um mundo de fadas e intrigas. Com milhões de exemplares vendidos, a série ocupa posição de destaque entre os best-sellers do New York Times e é referência para os fãs do gênero.

Já o segundo labirinto reúne releituras de dois clássicos da literatura: “O Mágico de Oz” e “Alice no País das Maravilhas”. A curadoria é da Darkside Books, que propõe uma nova abordagem das obras a partir de versões contemporâneas como “Wicked”, que dá protagonismo à Bruxa Má do Oeste, e uma “Alice” marcada por dilemas existenciais, coragem e autodescoberta. O percurso visual reforça o tom onírico e provoca o visitante a refletir sobre o papel de heroínas atípicas.

O terceiro percurso mergulha no universo mitológico com duas séries do selo Bloom, da Companhia das Letras: “Hades & Persé-

fone”, de Scarlett St. Clair, e “Covenant”, de Jennifer Armentrout. A primeira reinventa o mito grego com uma abordagem romântica e sensual. Já “Covenant” acompanha uma jovem treinada para combater seres sobrenaturais enquanto desafia o destino imposto pelos deuses.

Encerrando a jornada, o quarto labirinto leva o público a um cenário gótico e melancólico inspirado em “Uma Janela Sombria”, primeiro volume da duologia “O Rei Pastor”, publicada pela Globo Livros. A autora Rachel Gillig constrói uma atmosfera de tensão e mistério na qual a protagonista Elspeth Spindle precisa enfrentar uma maldição e alianças perigosas para sobreviver ao lado do enigmático Ravyn Yew.

SERVIÇO

BIENAL DO LIVRO

Riocentro (Av. Salvador Allende, 6555 – Barra da Tijuca)

Até 22/6, de segunda a sexta (9h às 22h), sábado e

domingo (10h às 22h)

R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

O QUE ROLA NA BIENAL - segunda, 16

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Salve Ariano!

Nesta segunda-feira (16), dia em que se celebra o nascimento de Ariano Suassuna, a Bienal do Livro recebe no Riocentro um cortejo da Orquestra Armorial, que percorre os corredores com música, dança e poesia em tributo ao autor de clássicos como “O Auto da Compadecida” e “A Pedra do Reino”. Na Praça Além da Página, João Suassuna (foto), neto do escritor, conduz uma aula-show sobre a obra e o legado do criador do Movimento Armorial. “Nosso principal objetivo é levar adiante a chama imortal de Ariano, que nos inspira, impulsiona e encanta”, diz João.

Sharjah em debate

O painel “A tradição da literatura árabe e o novo movimento literário impulsionado por Sharjah” destaca a efervescência atual da escrita no mundo árabe. Com apoio de políticas culturais consistentes, Sharjah tem se consolidado como um polo de incentivo à literatura e à preservação da memória dos povos do Oriente Médio. Os autores Abdul Hamid Ahmed, Lulwah Al Mansouri (foto) e Nasser Al Dhaheri debatem o tema, com mediação de Laura di Pietro, diretora do selo Tabla, às 18h, no Café Literário Pólen.

Divulgação



Fabio Rocha/TV Globo



Vozes na literatura

A sessão Audible reúne atores brasileiros que dão voz a personagens icônicos da literatura em audiolivros. Denise Fraga (foto) narra “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen; Milhem Cortaz é a voz de “O Grande Irmão” em “1984”, de George Orwell; e Mauro Ramos interpreta figuras de “O Senhor dos Anéis”, de J.R.R. Tolkien. Eles compartilham a experiência de transformar texto em áudio, uma importante ferramenta de inclusão, em conversa mediada por Adriana Alcântara, diretora-geral da Audible no Brasil. O evento ocorre às 17h, no Palco Apoteose Shell.

ENTREVISTA / ELISA TOLOMELLI, PRODUTORA

‘Meu papel não é só realizar filmes, mas redesenhar a forma de fazê-los’

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Dos anos 1990 para cá, Elisa Tolomelli produziu de um tudo, de thrillers (“Berenice Procura”) a comédias (“Tire 5 Cartas”), numa trajetória profissional que tem “Central do Brasil” (Urso de Ouro da Berlinale de 1998) e “Cidade de Deus” (blockbuster indicado a quatro Oscars) em seu currículo. Antes trabalhou no inesquecível “A Menina do Lado” (1987), de Alberto Salvá, e rodou um longa-metragem, “Manobra Radical” (1991), joinha que arrastou galeras noventistas ao circuito, num tempo de seca da filmografia nacional. O tantão de histórias que contou pelas telas e que viveu nos sets, sobretudo depois que fundou a produtora EH! Filmes, rende uma leitura daquelas que nos grudam nas páginas em “E Lá Fui Eu”. É um livro de memórias, mas funciona (que é uma beleza) como uma cartilha para quem quer aprender a filmar. Quem a edita é Literare Books. A noite de autógrafos aqui no Rio será nesta terça-feira (17), às 18h, na Livraria Argumento. Tem lançamentos em Volta Redonda (no dia 21, na Diadorim Livraria), em São Paulo (dia 1º de julho, na Livraria do Espaço SP) e em Minas Gerais (no próximo dia 3, na Quixote Livraria e Café, em BH). Sua escrita celebra o empenho das mulheres no audiovisual. “Produzir cinema sendo mulher é, muitas vezes, ocupar espaços onde não se esperava uma voz como a minha. Aí mora a força: ousar estar, decidir, bancar escolhas e abrir caminho para outras. Esse modo de agir e de pensar pertence a muitas mulheres que desbravaram o cinema assim como eu”, explica Elisa, que faz uma radiografia do mercado no papo a seguir.

De que maneira escrever um livro de memórias sobre uma vida dedicada aos sets é também escrever sobre como a indústria do cinema no Brasil mudou nos últimos anos. Que mudanças mais fizeram o mercado avançar? Que desafios

do passado permanecem?

Elisa Tolomelli: Ao revisitar minha trajetória escrevendo o livro, ficou evidente para mim o quanto o Cinema Brasileiro evoluiu. Comecei filmando em película 35mm e hoje trabalho com tecnologia

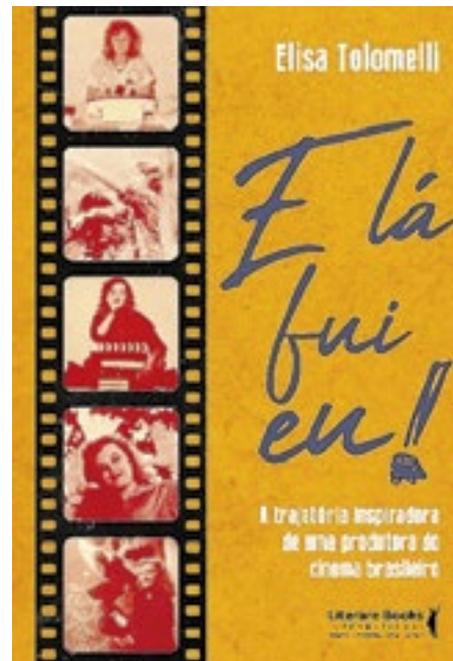


4K, com efeitos visuais de ponta, som refinado e imagens de altíssima resolução. Os roteiros amadureceram, as narrativas se diversificaram e a qualidade técnica saltou. A presença feminina nos sets também cresceu muito — no meu último filme, 60% da equipe era formada por mulheres talentosas, nas mais diversas funções artísticas e técnicas. Ver isso acontecendo é muito gratificante. Mas ainda enfrentamos gargalos antigos: o acesso ao financiamento continua difícil e a regulação das plataformas de streaming é urgente. Avançamos bastante, mas ainda temos muitos créditos a conquistar nessa história.

Seu livro pode ser um guia pra quem está se formando, mas para muita gente que está aí, formada e na ativa, o ofício da produção executiva ainda é um mistério. O que exatamente uma produtora executiva faz?

Numa equipe de cinema no Brasil, o produtor executivo é responsável pelo desenho de produção do filme, o planejamento da estratégia e logística da filmagem, coordena cronogramas, contrata equipe, faz a gestão do orçamento, coordena a prestação de contas, garante que tudo aconteça dentro do tempo e dos recursos disponíveis. É uma função que exige visão criativa, estratégica

“*Central do Brasil* foi a minha maior escola. Foi o primeiro filme que enfrentei como produtora executiva - e enfrentei mesmo, peguei pelos chifres! Era um projeto enorme, com muitas locações, exigindo soluções complexas e um planejamento estratégico minucioso”



Instituto Moreira Salles



e muita sensibilidade. Porque não basta ter planilha: é preciso saber lidar com gente, acolher a equipe, resolver conflitos, administrar imprevistos, manter o set funcionando em harmonia. No fim, é como reger uma orquestra — com liderança e muita inteligência emocional.

Dos casos e das memórias do livro, que história mais te emocionou? Dos teus filmes, qual mais te serviu como escola?

Sem dúvida, o “Central do Brasil” foi a minha maior escola. Foi o primeiro filme que enfrentei como produtora executiva — e enfrentei mesmo, peguei pelos chifres! Era

um projeto enorme, com muitas locações, exigindo soluções complexas e um planejamento estratégico minucioso. Foi ali que aprendi, na prática, como organizar um filme grande e como pensar a produção com profundidade. E o principal foi a parceria: foi linda a forma como eu e o Walter Salles fomos descobrindo o caminho desse filme juntos. Cada desafio nos ensinava algo novo. Foi um processo de criação muito rico. Outros filmes como “Lavoura Arcaica” e “Cidade de Deus” também foram produções difíceis, que me exigiram muito. Os filmes do início da minha carreira me deram a base para os quase 40 projetos que produ-

zi depois. São histórias que me emocionam porque formaram a produtora que sou hoje.

O que mais mudou na produção com a chegada dos streamings?

O que mais mudou foi o alcance. Hoje, ao lançar um filme em uma plataforma de streaming, ele pode ser visto em até 190 países — isso é transformador. A visibilidade que o streaming oferece é enorme: abre caminhos para o nosso cinema, para a nossa cultura, chegarem a públicos que antes seriam quase inacessíveis. Ele também democratizou o acesso: pessoas que não tem facilidade de acesso às salas de cinema, podem

assistir aos filmes em casa, e isso é muito importante. Além disso, o streaming trouxe novas possibilidades de linguagem, formato e até de construção de público. Hoje, a gente já pensa a produção prevendo múltiplas janelas, o que impacta desde o roteiro até o modelo de financiamento. É um novo jeito de fazer e de circular os filmes.

O que vem pela frente, após o livro? O que você tem para produzir?

Tenho vários projetos pela frente — vem coisa linda por aí! Um dos que mais me empolgam no momento é o longa “A Casa da Árvore”, uma aventura para o público pré-adolescente, com multiversos, viagem no tempo e muita emoção. A história gira em torno da Nina, uma brilhante hacker de 12 anos, sem amigos reais, que acaba sendo transportada para um multiverso nos anos 1970. Lá, em contato com a natureza, com as pessoas e com as brincadeiras analógicas da época, ela descobre o valor da amizade verdadeira, a importância do convívio familiar e percebe que, por mais sedutor que seja o universo virtual, nada substitui os relacionamentos reais. É um filme com uma estética ousada, que mistura tecnologia de ponta com muita sensibilidade. Estou muito feliz com esse projeto, que tem tudo a ver com o que eu acredito: cinema que encanta, emociona e transforma.

Qual é a marca da força feminina na tua obra como produtora?

Minha trajetória sempre foi pautada por um desejo profundo de romper com estruturas engessadas, de abrir caminhos, de vencer desafios — especialmente num setor historicamente masculino como o audiovisual. Ao longo da minha carreira, procurei imprimir um olhar mais feminino à produção, não apenas nas histórias que escolhi contar, mas também na forma de conduzir os processos. Acredito que trouxe uma nova sensibilidade à maneira de produzir: uma escuta mais atenta, uma liderança menos autoritária e mais colaborativa, sem abrir mão da firmeza e da ousadia. O feminino, para mim, não é fragilidade — é potência, intuição e coragem de fazer diferente. No meu último filme, 60% da equipe era formada por mulheres talentosas, nas mais diversas funções artísticas e técnicas. Ver isso acontecendo é enriquecedor. Ser mulher na produção é também transformar o modo de fazer: criar ambientes de trabalho mais éticos, respeitosos, onde o processo importa tanto quanto o resultado. Meu papel não é só realizar filmes, mas também redesenhar a forma de fazê-los — com paixão, criatividade, ousadia e perseverança.

Divulgação



Acima, Margaret Qualley e Bennie Safdie em 'Stars at Noon', da realizadora Claire Denis, vencedor do Grande Prêmio do Júri no Festival de Cannes

Jens Koch/Berlinale

Paixão nos tempos de Claire Denis

Apesar da demora em chegar ao Brasil, 'Stars at Noon', que deu à cultuada diretora francesa o Grande Prêmio do Júri do Festival de Cannes, candidata-se a cult na Prime Video da Amazon

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com filme novo ("The Fence") em gestação, com Matt Dillon e Isaach De Bankolé no elenco, a cineasta francesa Claire Denis, de 79 anos, viveu um 2022 mágico, depois de ser contemplada com o Urso de Prata de Melhor Direção na Berlinale por "Com Amor e Fúria" e ao receber o Grande Prêmio do Júri do Festival de Cannes por uma joia que nunca teve espaço em circuito entre nós. "Stars at Noon" é seu título. Apesar de não ter arrumado lugar em salas exibidores, essa produção se candidata a cult no Prime Video da Amazon, onde está disponível para venda e locações. Consagrado

no Palais des Festivals da Croisette, esse estudo de personagem regado a erotismo acabou indo pra telinha, consagrando um veio estético dos mais caudalosos do audiovisual. Na mesma plataforma, encontram-se outros longas de Claire, como "O Intruso" (2004) e "Chocolate" (1988).

"Fazer cinema é um processo penoso e não gosto que me apressem", disse a cineasta em Cannes, ao explicar ao Correio da Manhã o método como trabalha. "O que eu busco num filme é o extraordinário que existe em cada expressão, tentando entender as emoções por trás de cada gesto, cada olhar".

Cultuada por "Nenette e Boni" (Leopardo de Ouro no Festival de Locarno, em 1996), "Bom Trabalho" (ganhador de menção especial na Berlinale de 2000),



"High Life" (Prêmio da Crítica em San Sebastián em 2018) e outras pérolas, Claire foi rodar "Stars at Noon" no Panamá, embora a trama que se passe entre lá e a Nicarágua dos dias de hoje, apesar das várias referência ao tempo da revolução sandinista, entre os anos 1980 e 1990. A base do longa foi o romance homônimo de Denis Johnson, que a cineasta devorou há uns treze anos. Margareth Qualley (a protagonista da série "Maid") é a protagonista.

"Eu queria filmar com Robert Pattinson, a quem admiro muito e com quem fiz 'High Life'. Ele queria também e estava tudo certo, até que ele ficou preso nos compromissos com o novo 'Batman', e com atrasos ligados à covid-19. Aí eu consegui Joe Alwyn, que é um ator magnífico também", conta Claire.

Freelancer sem página em branco ou post pra preencher, Trish, a personagem de Qualley em "Stars at Noon" vive mal do Jornalismo, em especial no canteiro da Nicarágua, vetorizado por dilemas políticos da Costa Rica, pra onde escolheu viajar. A viagem partiu de um princípio de indistigável xenofobia: "Eu queria ver o tamanho que o Inferno pode ter, por isso vim".

Sob a bela da fotografia de Éric Gautier, vemos Trish penar. Existe a luta por dinheiro, que arrasta a repórter por mil armazéns e a um papo (genial) via Zoom com um editor, interpretado por John C. Reilly - em rápida e impagável participação. Existe a CIA, que zumbe feito mosca sobre a carniça das finanças costa-ricenses (boa parte da ação do longa se refere à Costa Rica, apesar de se fincar na Nicarágua). Existem autoridades querendo saber por qual motivo Trish ainda não voltou pra casa, na América. Cabe ao diretor e ator Bennie Safdie dar vida ao agente que investiga as ações de Trish. Há ainda uma dona de hotel que zanga sempre que a americana pede para usar o telefone. E existe a pandemia. Mas, apesar de tudo isso, o encontro com um inglês de fino trato, Daniel (Joe Alwyn), sacoleja a vida e o coração da jornalista.

'Reações aos que vivemos'

"Foi uma experiência riquíssima filmar na América Latina e conhecer uma série de bons atores e atrizes cheios de desejo para participar da nossa história. Tenho parentes no Brasil, o que me aproxima das Américas, e tenho um passado de vivência familiar em outros continentes o que me leva a olhar a realidade não pela estranheza, mas pela empatia. O que passamos no período da covid-19, na pandemia, foi assustador, pois isolou as pessoas separou convívios. Esses filmes que fiz mais recentemente têm reações ao que vivemos", disse Claire ao Correio em Cannes. "Fomos privados de muita coisa com a pandemia. Eu fiquei em casa, lendo, cozinhando, ouvindo música. Mas muita gente não teve essa facilidade. Foi difícil sobreviver. Ainda é".

Recentemente, a Reserva Imovision lançou em sua plataforma um dos melhores filmes de Claire: "Deixe a Luz Do Seu Entrar" (2017). A trama narra as peripécias amorosas de Isabelle (papel de Juliette Binoche), uma artista parisiense atrás do amor verdadeiro ao fim de um casamento infeliz. Uma série de encontros e desencontros emotivos vai dar um tônus de derrota em sua procura pelo querer, envolvendo diferentes homens vividos por atores como Xavier Beauvois e Alex Descas. "A vivência do amor não é estável", disse Claire. "Ele nos cerca de formas novas, sem rótulos".

CRÍTICA / RESTAURANTE / BENTO PIZZERIA NAPOLETANA

Alex Woloch/Divulgação

Bento que bento é a vera pizza

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Uma praça bucólica, com uma estação de metrô, nos lembra os cenários de filmes. Em uma discreta loja na Praça Afonso Pena, está um pedaço de Nápoles: a Bento, única pizzaria do Rio com um chef pizzaiolo italiano, Pierluigi Russo, que cuida de cada detalhe — da massa ao azeite, da recepção ao spritz artesanal servido no balcão.

O serviço é ágil e o menu vai direto ao ponto: entradas e sobremesas típicas da Itália, e pizzas preparadas com fidelidade à tradição napolitana. A certificação da AVPN (Associazione Verace Pizza Napoletana) não é só um selo de qualidade — é um compromisso com o sabor, a técnica e a origem. Ainda mais: a Bento foi eleita a 36ª melhor pizzaria da América Latina pelo 50 Top Pizza 2025.

A massa, de fermentação longa e hidratação altíssima, é



A Bento é a única pizzaria carioca com um chef italiano

leve, macia por dentro, crocante nas bordas. Assada em forno a altíssimas temperaturas, chega à mesa em menos de dois minutos, com um sabor daqueles que nos faz ficar em silêncio, quase rezando. A puttanesca — com tomate pelati, mozzarella de búfala fresca, o alici italiano (ingrediente raro por aqui, e meu favorito), azeitonas pretas e orégano siciliano — tem sabores delicados que se combinam à perfeição.

A pizza frita, certificada pela AVPN e única do tipo na América Latina, é leve, nada oleosa, graças a um óleo especial importado da Itália, com ponto de fumaça alto. A montanara, com molho de tomate, parmesão em lascas e manjericão, é uma ótima pedida como entrada. Absolutamente perfeita.

Para fechar, o cardápio ainda surpreende com o gelato frito de maçã com canela, servido com calda de chocolate amargo. E, para beber, o limoncello spritz feito na casa — refrescante, cítrico, na medida certa. Na despedida, um café Illy. Italiano, claro.

A Bento não é apenas uma pizzaria de bairro. É um lugar onde tradição e afeto se encontram, onde a presença do Luigi transforma a refeição em experiência. Um pedaço de Nápoles com estação de metrô — afinal, é uma viagem de prima à Itália das comédias, da alegria.

SERVIÇO**BENTO PIZZERIA NAPOLETANA**

Rua Afonso Pena 71, Tijuca

De terça a domingo (18h às 23h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação

**O melhor de Portugal**

O Festival de Portugal 2025, evento anual do bar e restaurante Aurora para celebrar os dias dos santos portugueses, lamentavelmente acabou no domingo, mas a chef Ana Beatriz Capão mantém a deliciosa francesinha (foto) no cardápio por mais alguns dias. É uma forma de estender um pouco mais a comemoração de uma data importante para a casa, que completou 127 anos no dia 13 de junho, sob as bênçãos de Santo Antônio. A iguaria é bissexta nos restaurantes da cidade e fica disponível por tempo limitado, diariamente, sempre a partir das 17h.

Seis anos de fumaça

O Low Fire Smokehouse celebra seis anos do Centro nesta terça (17) com menu exclusivo do chef Gabriel Nigro em parceria com a Costelata, Deli43 e Raiar Orgânicos. No cardápio, bolovo de linguíça de provolone com maionese UAU, wellington de costela com molho bordelaise e pudim com calda de pastrami. Há também combos com entrada + prato principal por ou com sobremesa. Os pratos serão servidos apenas no dia, com porções limitadas. Se subir as escadas, lá em cima, continua o American BBQ autêntico.

Tomás Vélez/Divulgação



Divulgação

**Wine in Búzios**

O Wine in Búzios 2025 celebra sua 6ª edição, dos dias 19 a 29, com uma programação que une vinhos, gastronomia, arte e música. A Feira de Vinhos, com entrada gratuita, 19 a 22, na Praça Santos Dumont, reúne mais de 20 expositores e shows ao vivo. As tradicionais taças colecionáveis já estão à venda. De 23 a 29, o festival oferece experiências exclusivas como jantares harmonizados com sommeliers e menus especiais. Destaque para o Wine Boat (dia 28) e o Wine Art (29), que misturam vinho e arte. Programação e ingressos www.wineinbuzios.com.br.

Música para os olhos



Considera-se o início da música popular no Brasil a partir de 1550, quando os portugueses invadiram Pindorama e já encontram manifestações musicais junto aos povos originários. Francisco de Vacas, português morador da Capitania do Espírito Santo, é considerado “o primeiro músico de renome e da maior importância na evolução da música popular brasileira”. Citado por Duarte da Costa, em 1555, como “cantor eclesiástico e metido em confusões policiais, tendo inclusive agredido um aluno...”, tocava viola renascentista.

O sistema tonal, trazido pelos portugueses e, obviamente, desconhecido dos indígenas, juntamente com as primeiras danças africanas como jongo, lundu, batuques além de vários instrumentos como flauta, cavaquinho, violão, agogô, ganzá, ‘compõem’ essa rica miscelânea que é a MPB.

Muitos séculos se passaram e Nair de Tefé, à época, primeira-dama, mulher progressista e idealista, casada com o presidente da República, marechal Hermes da Fonseca, organizou um recital de lançamento do “Corta Jaca”, maxixe composto por Chiquinha, sua amiga. Foi um “escândalo”. Tocado ao violão, instrumento considerado de malandros, por Nair, acompanhada, por nada mais nada menos que Cartulo da Paixão Cearense, numa recepção no Palácio do Catete, então residência oficial da Presidência da República.

O ato foi considerado uma quebra de protocolo, por le-



var às esferas palacianas música popular que, segundo a elite, era inspirada em danças lascivas e vulgares. Na verdade, uma ‘alforria’ da MPB. Era a primeira vez que se executava uma canção popular na sede do governo.

Nair, em 1921, participou da Semana de Arte Moderna, fundou a Academia Petropolitana de Letras, participou da Academia Fluminense de Letras. Em 1932, fundou o Cinema Rian, na Avenida Atlântica, em Copacabana, Rio de Janeiro. Aos 73 anos, volta a fazer caricaturas e no fim dos anos 1970, participa ativamente das comemorações do Dia Internacional da Mulher. Mulheres muito além do seu tempo, muito além de um Brasil misógino, machista e preconceituoso. Chiquinha vai à luta, mostra à que veio. Abre alas, passa, é da lira, impossível negar.

A MPB surge de uma bem-composta mistura de ritmos africanos, indígenas e europeus. Toma forma, a partir de dois ritmos musicais: o lundu, de origem africana, e a modinha, com fonte portuguesa, melancólica como os fados.

Nos anos 1900 surge o samba, mistura de ritmos dos morros e cortiços cariocas, das rodas de capoeira com os pagodes e as batidas em homenagem aos orixás. Em 1917, Donga compõe Pelo Telefone, sendo o marco deste estilo musical.

A MPB é um movimento musical dos mais ricos do mundo, num somatório de ritmos, gêneros e estilos contagiantes, dá o tom e a harmonia da brava gente brasileira.

A MPB é para os ouvidos, é ‘pra’ pular à brasileira!